

# CORPO A CORPO COM A PALAVRA: SEDUÇÃO E MAGIA

Vera Lúcia Follain de Figueiredo

UERJ-LETRAS

*“E do mesmo modo que através de um corpo amado  
entrevemos uma vida mais plena, mais vida que a vida,  
através do poema vislumbramos o raio fixo da poesia.  
Esse instante contém todos os instantes. Sem deixar de  
fluir, o tempo se detém, repleto de si”.*

Octávio Paz

Era uma vez um mágico. Ou melhor, um ex-mágico. Aborreceu-se, um dia, com os próprios dons que, embora encantassem as crianças, lhe pareciam incômodos em termos de vida pessoal: ao tentar tirar do bolso um lenço, dele podiam sair pássaros. A mágica o ultrapassava, transbordava o seu universo de intenções, explodia indisciplinadamente os limites a que queria se submeter para se tornar um cidadão como outro qualquer. Desejava ser um homem comum e tudo fez para conseguir esta condição, até que passou a ser funcionário público e, a partir daí, todos os seus dons sumiram, como por encanto, ou melhor, como por desencanto. O amor acabou fazendo com que desejasse recuperá-los, para poder enfeitiçar aquela que o havia enfeitiçado. Compreendeu, então, tarde demais, a importância da perda irreversível e concluiu: teria sido melhor se tivesse usado seus poderes para tentar criar todo um mundo mágico.

Esta é a história do “Ex-mágico da Taberna Minhota”, um conto do escritor Murilo Rubião. É também, um pouco, a história do ser humano, se pensarmos que, de certa forma, o homem é um mágico: sua trajetória no mundo se caracteriza pela capacidade de agir sobre a natureza, transformando-a. Esse impulso criativo, que parte da imitação mesma da natureza para tentar superá-la, é a origem da condição humana e, ao mesmo tempo, a origem da arte. Todos sabemos que a arte é concebida, inicialmente, como objeto de contemplação integrante dos rituais, capaz de efeitos mágicos.

Mas o conto fala de todos nós também, porque questiona o que fazer dos próprios dons. Será preciso anulá-los para viver um cotidiano sem inquietações? Será possível que a rotina, a lu-

*todo homem é um  
mágico.*

*o fascínio das relações interpessoais e a afirmação do impossível.*

ta pela sobrevivência, a padronização dos hábitos são capazes de criar um homem tão conformado com a realidade que o cerca, que não seja capaz de sonhar? Podemos encontrar a resposta no próprio conto: se a sociedade na qual vivemos pode inibir, em cada um, os gestos mais criativos, considerando que ameaçam a ordem, não conseguiu, ainda, anular a dimensão utópica que acende o desejo de uma vida melhor. O fascínio das relações interpessoais é fonte inesgotável desse movimento que parte do real, de suas limitadas possibilidades para afirmar o impossível. E mesmo que o fraque e a cartola preta tenham sido confiscados pelo dono do espetáculo, ainda nos restam as palavras mágicas.

Disso sabia, sem dúvida, Xerazade, nas *Mil e uma noites*. A morte a que estava condenada, como outras jovens do reino, escolhidas para passar a noite com o rei, era um sacrifício ritual: através dela o rei purgava a traição que a esposa praticara. Xerazade substituiu a representação ritual em que ela seria a vítima, pela representação literária; no lugar do sacrifício de seu corpo, ofereceu o sacrifício dos heróis das histórias narradas, que, envolvidos em constantes aventuras, alimentavam o desejo de amor e morte do soberano.

*o poder de sedução das palavras. quando a magia vira truque.*

O poder de sedução das palavras entretanto, não se restringe à capacidade de narrar. Se seduzir significa, literalmente, desviar dos caminhos, a linguagem, como observou Leila Perone Moisés, antes de ser meio de sedução é o próprio lugar da sedução, pois é característica das palavras “desviar-nos do caminho reto do sentido”. Por isso, Drummond, poeta, sedutor e seduzido pelo fascínio da linguagem, adverte: “Chega mais perto e contempla as palavras / Cada uma / tem mil faces secretas sob a face neutra...”. Se a língua é norma, sistema que nos aprisiona o pensamento, o uso que dela fazemos é marcado por uma constante transgressão, num jogo entre repressão e liberdade, que afirma e nega as leis. Esse jogo, pleno de erotismo pelo movimento simultâneo de ocultar e revelar, enreda sedutor e seduzido numa relação além dos limites do consciente.

O potencial de magia das palavras, sabemos, pode ser utilizado para atingir diferentes objetivos. Ao invés de servir como resistência aos ditames da ordem estabelecida, subvertendo o senso comum, com a força revolucionária da utopia, pode ser usada pelo discurso do poder: nesse caso, aproveita-se o que, na palavra, é possibilidade de desvio, é latência, para tornar atraentes velhas idéias que escamoteiam o real. A magia vira truque, a transformação cede lugar à deformação, entramos nos

domínios do poder, em que os mecanismos de sedução se confundem com a sujeição do outro e não mais com o jogo entre sedutor e seduzido. Dessa prática se nutrem muitos discursos políticos e também o discurso da indústria cultural, este quando nos faz consumir esteriótipos travestidos em diversão pelo milagre da técnica. Como observa Adorno, a reprodução mecânica do belo “não deixa margem para a idolatria inconsciente a que se ligava o belo”. Quando o prazer não exige esforço, tem de se limitar, necessariamente, aos trilhos gastos das associações habituais e, aí, o que nos é oferecido é sempre uma promessa de prazer que não chega a se realizar, porque acaba por repetir, após muitas peripécias, esquemas conhecidos, tão previstos quanto o próprio cotidiano.

Na arte literária temos, ao contrário, um constante romper com os parâmetros, a busca incessante de novos caminhos. A experiência do novo fascina e assusta, por isso não é de admirar que as criações mais avançadas tenham, muitas vezes, de esperar um bom tempo para serem aceitas por um público maior. A verdade é que, mesmo vivendo na era da padronização imposta pela cultura de massa, não estamos imunes ao fascínio da arte. Quem de nós não é capaz de lembrar um poema, ainda que aprendido na escola, há muito tempo, e que nos ficou na memória com toda a graça de sua musicalidade? Seja aquele fragmento de um soneto de Camões — “Amor é fogo que arde sem se ver / É ferida que dói e não se sente...” — sejam versos buscados em Vinícius, no ardor de nossa adolescência — “Ó minha amada / Que olhos os teus / São cais noturno / Cheios de adeus...”. Quantos de nós já não tentamos escrever poesias na ânsia de expressar sentimentos e fomos encontrá-los já expressos por Fernando Pessoa ou Manuel Bandeira: “Meu verso é sangue. Volúpia ardente... / Tristeza esparsa... remorso vão... / Dói-me nas veias. Amargo e quente, / Cai, gota a gota, do coração”; ou no tom sublime dos românticos, ou na emoção contida dos modernos:

De que vale tentar reconstruir com palavras  
o que o verão levou  
entre nuvens e risos  
junto com o jornal velhos pelos ares?

O sonho na boca, o incêndio na cama  
o apelo na noite  
agora são apenas esta

*a padronização importa pela cultura de massa e o fascínio da arte.*

contração (este clarão)  
de maxilar dentro do rosto.  
A poesia é o presente.

(No corpo, Ferreira Gullar)

*a plenitude das palavras no texto poético o prazer de ouvir e contar histórias.*

Também as letras de algumas músicas populares atendem, de algum modo, à vontade tão reprimida de que a poesia “inunde nossa vida inteira”. No texto poético, as palavras libertas do valor de moeda de troca que as aprisiona no intercâmbio imediato, libertas do valor de utensílio, assumem a plenitude e, como diz Octávio Paz, o poema, então, se realiza como “um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal”.

Assim como, numa sociedade avessa à poesia, nos deixamos enfeitiçar pela experiência poética, pelos seus poderes de revelação, que fazem despertar o desejo de ser, de transcender as dimensões da existência cotidiana, buscamos reviver, no universo da ficção narrativa, aquele prazer de ouvir e contar histórias que acompanha a trajetória do homem ao longo dos tempos. O hábito solitário de ler romances, de certa forma, tenta preencher momentos nos quais, outrora, os homens se deixavam embalar pelas narrativas orais dos mais experientes, dos mais vividos e que, por isso, tinham muito para contar. Muitas vezes, somos atraídos pelas complicações do enredo e fazemos a leitura na velocidade ditada pela curiosidade, pelo suspense. Mas também acontece nos deixarmos prender, menos pela anedota do que pelos jogos de linguagem que acabam por nos fascinar. A prova disso está nos livros que lemos mais de uma vez: mesmo já sabendo o final da história, somos seduzidos de novo, pela maneira como ela é contada, pela sutileza do tratamento dado a problemas que nos tocam.

*narrativas que fluem com leveza sem perder a dimensão revolucionária da arte.*

Aqueles que leram *Pantaleão e as visitadoras*, de Mário Vargas Llosa, puderam, sem dúvida, encontrar uma narrativa que flui com leveza sem perder a dimensão revolucionária da arte e se viram envolvidos por uma crítica social tão profunda quanto bem humorada. Da mesma forma, a leitura de uma novela como a *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel García Márquez, nos faz perguntar como podemos ficar tão interessados num texto que, parte de um crime, mas não tira proveito do mistério que poderia cercá-lo: desde as primeiras páginas, sabemos quem morreu e quem matou. Uma única indagação, acima dos limites do factual, sustenta a nossa atenção: por que

razão, social ou psicológica, ninguém impediu o assassinato, se todos sabiam que ele ia acontecer? A maneira como esta indagação é conduzida basta para que não queiramos largar o livro antes de terminá-lo. Contaminados com a angústia do narrador, desejamos entender, mais do que saber o que se passou.

Em *Quincas Berro D'Água*, Jorge Amado nos conquista com a história de um personagem, cuja morte teria ocorrido, no mínimo, três vezes. O que parece fantástico, na verdade não é: o autor apenas nos dá um enfoque da morte que oscila, segundo diferentes pontos de vista, de acordo com a camada social dos personagens. E assim, poderíamos citar *D. Casmurro*, de Machado de Assis, ou *Contos Novos*, de Mário de Andrade e muitas outras obras que se oferecerem ao leitor antes de mais nada, como experiências prazerosas. Mais recentemente temos o caso dos últimos romances de Rubem Fonseca — *A grande arte e Bufo e Spallanzani* — que têm freqüentado a lista dos mais vendidos. Lançando mão de um gênero ligado à cultura de massas, o romance policial, Rubem Fonseca nos coloca diante de uma trama em que estão presentes vários ingredientes característicos desse tipo de obra — crimes, envolvimento amorosos, ambições financeiras — mas acaba por explodir os limites do gênero, envolvendo o leitor em indagações mais profundas que dificultam uma visão maniqueísta do mundo. A partir de determinado ponto da leitura percebemos que a questão de saber “quem matou”, fundamental nos romances policiais, se torna irrelevante. A violência passa a ser vista em toda a sua complexidade. O relativismo dos valores dissolve os limites rígidos estabelecidos entre ordem e desordem e, pouco a pouco, somos levados a concluir que o eixo central da narrativa não é a violência e, sim, a busca da verdade. Ou melhor, o impasse gerado, no homem, pela impossibilidade de chegarmos a uma verdade única, já que a palavra original é encoberta por infinitas versões. Com isso, são desfeitos os próprios limites entre realidade e ficção. A trama policial funciona como armadilha para o leitor que, deste modo, é atraído para a vivência de outras dimensões do fenômeno literário.

Tudo o que dissemos colocou em destaque os textos que nos agradam de imediato: não nos forçam a vencer resistências, mas também não apelam para a facilidade das fórmulas prontas, gastas, para o que já nasce consumido. Mencionamos livros que nos seduzem. Restaria falar daqueles que nos colocam no papel de sedutores, pois se furtam ao prazer mais imediato, exigindo uma abordagem paciente capaz de descortinar os encantos vela-

*rubem fonseca: uma armadilha para o leitor.*

dos à primeira vista. Levando em conta as palavras de Roland Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso*, “a linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras” — esses textos, alvo da nossa sedução, seriam, num primeiro momento, a pele fora do alcance dos dedos que a querem tocar, e despertam, uma atração perversa, mistura de desconforto e prazer. Sensação de desconforto, porque colocam em crise nossa relação com a cultura e com a própria linguagem. Sensação de prazer, que nasce do desafio da conquista. Isso parece ser o que acontece com uma obra como a de Guimarães Rosa ou a de João Cabral de Melo Neto, entre outras. É preciso ultrapassar o estranhamento primeiro, para poder chegar a essa literatura que nos gratifica, se nos propomos a vencer as barreiras levantadas quando o jogo com os signos subverte mais radicalmente nossas expectativas. Nessas obras, mais que em quaisquer outras, a linguagem se assume como jogo erótico, pois as palavras desafiam o entendimento, zombam da pretensão de lhes impor um sentido único, se oferecem e fogem, adiando o momento da entrega. O gozo poético não é atingido sem que sejam superadas dificuldades até certo ponto semelhantes às da criação. Por isso, revivemos, como leitores, a luta travada pelo poeta:

“Palavra, palavra  
(Digo exasperado)  
se me desafia,  
aceito o combate.  
Quisera possuir-te  
neste descampado,  
sem roteiro de unha  
ou marca de dente  
nessa pele clara.  
Preferes o amor  
de uma posse impura  
e que venha o gozo  
da maior tortura”

(C. Drummond de Andrade. “O lutador”)

A esta altura, talvez possamos nos indagar sobre o sentido de tecermos tantas considerações sobre a magia da arte literária num país onde existem menos livrarias que na cidade de Paris e no qual as tiragens alcançam em média apenas três a cinco mil exemplares. Embora não pretendamos usar este espaço para fazer uma análise das inúmeras causas que vêm impedindo, entre nós, a formação de um público mais amplo, estamos interessados em ressaltar o quanto a literatura tem resistido heroicamente em nosso contexto, lutando contra os obstáculos que se impõem não só à ampliação do número de leitores como também ao próprio trabalho dos criadores. Não é possível ignorar que o analfabetismo, a falta de editoras, bibliotecas, jornais e revistas, a quantidade restrita de leitores, a dificuldade de profissionalização dos escritores, obrigados a dividir seu tempo com tarefas que lhes garantam a sobrevivência, têm interferência em nossa produção literária. Além disso, o intelectual brasileiro, diante da incultura dominante, tendeu, freqüentemente, como observa Antônio Cândido, a supor que estava acima das condições adversas do atraso, voltando-se para padrões europeus, sonhando encontrar, fora do país, o ambiente capaz de acolher, de valorizar suas idéias, iluminadas pela influência estrangeira. Correndo atrás das novidades dos países modelos, num esforço de atualização e desprovincianização, nosso intelectual, muitas vezes, deixou de lado o trabalho de gerações anteriores, o que prejudicou a continuidade de um processo de reflexão entre nós.

*a resistência heroica da literatura.*

Contudo, até mesmo porque se estruturou a partir da tensão entre adaptação à realidade interna e imposição de modelos importados, a literatura tem espelhado nossas próprias contradições e, estimulada pela vontade de resolvê-las, em muitos momentos, pode superar as condições precárias que a cercavam. Vivendo num continente, como o latino-americano, em que tudo nos foi imposto pela colonização, a literatura tem sido, para nós, uma forma de expressão privilegiada. Através dela, tentamos sempre, ainda que com boas intenções e alguns equívocos, chegar mais próximos de nós mesmos. Talvez este empenho constante em expressar a realidade absurda em que vivemos lhe dê força criativa e tenha levado um escritor, como Manuel Scorza, a declarar: "a literatura, é hoje, o primeiro território libertado da América Latina".

*a literatura: espelho das nossas contradições.*

Uma outra questão ainda se coloca. Se até os dias de hoje, as grandes massas se mantêm fora do alcance da literatura, sa-

*o lugar da arte no capitalismo de consumo.*

bemos, entretanto, que vão sendo moldadas pela indústria cultural. Esta, como dizem Adorno e Horkheimer, “realizou maldosamente o homem como ser genérico”, trabalhando com o indivíduo ilusório, cujas particularidades se diluem na sujeição a modelos confeccionados pela sociedade. Aí, caberia voltar à indagação sobre o lugar reservado para a arte, neste espaço-tempo em que as regras são ditadas pelo capitalismo de consumo. Teríamos de lembrar a força do marketing publicitário que transforma um livro em best-seller, enquanto condena um outro ao esquecimento, e as próprias pressões do mercado editorial sobre o escritor. O sucesso, no Brasil, de uma obra como a *Insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, não pode ser desligado da intensa propaganda que tem acompanhado este livro. Em contrapartida, um romance como *A dança imóvel*, de Manuel Scorza, também editado recentemente, não chegou ao conhecimento de um público maior. Razões comerciais e ideológicas se conjugam, gerando uma espécie de “gosto médio”, ditado pelos meios de comunicação de massa. Mais ainda, teríamos de destacar que toda a resistência oferecida pela arte a se tornar mercadoria, não deixa de ser aproveitada pela indústria cultural que, através do processo de mitificação, procura domesticar a rebelião, falando dela com rótulos genéricos que a esvaziam, na tentativa de transformá-la em vanguardismo a ser consumido alienadamente. Nem a arte está imune ao processo de envelhecimento prematuro que a exaltação do novo, característica de nossa época, impõe a tudo que nos cerca. Numa sociedade regida pelas leis da moda, a novidade é o grande critério de valor e por isso, um certo espírito vanguardista é estimulado, na arte, em consonância com a compulsão consumista. A especulação comercial vende “as novas tendências”, que se produzem em quantidade e se tornam velhas com uma rapidez assustadora.

*a literatura na televisão.*

Um outro aspecto interessante a discutir seria o aproveitamento das obras literárias, que tem sido feito pela televisão e o cinema, particularmente no nosso país. A crescente concorrência por parte dos meios de comunicação de massa à literatura parece reforçar a idéia da importância dessa arte entre nós. A questão, porém, não é simples. Quando um texto literário se transforma num filme ou é utilizado pela televisão em novelas e seriados, a passagem de um sistema de significação para outro determina mudanças radicais, porque a mensagem de uma obra depende da forma que lhe deu sentido. A diferença entre as linguagens — verbal e visual — nos leva a entender a “adaptação”, como recriação da obra a partir das exigências do novo



código. Ora, a recriação pode ser orientada pela potencialidade comercial do empreendimento, de tal forma que só se preocupe em lançar mão de alguns dados do enredo que permitam ao espectador a ilusão de que estaria “visualizando o literário” e, com isso, assimilando “cultura”, aliada ao divertimento. Ocorre, nesse caso, uma espécie de banalização da trama do romance “adaptado”, que nada nos diz do sentido mais profundo da obra literária, nem tão pouco nos coloca, necessariamente, diante de um bom filme ou de uma boa novela.

Ainda assim poderíamos argumentar que os mass média, de alguma forma, estariam divulgando a literatura, e, conseqüentemente, estimulando o público a buscá-la nas livrarias. Isto, entretanto, também é discutível. Se o veículo é conservador e não assume uma postura criativa capaz de romper com o nível de recepção habitual, o leitor tenderá a esperar do texto o mesmo estímulo à passividade, e nada impedirá que o abandone, logo nas primeiras páginas, quando não confirmar as expectativas comodistas, reforçadas, por exemplo, pela leveza do programa de televisão que assistiu, enquanto servia o jantar. Por outro lado, algumas vezes, a televisão e sobretudo o cinema parecem ter ido além da simplificação e, partindo da literatura, chegaram a realizações inovadoras. Este seria o caso da “adaptação” de *Morte e vida Severina*, realizada na Globo, em que som e montagem não foram trabalhados simplesmente como soluções formais buscadas no sentido técnico da composição, mas também como resultado do desejo de expressar a mesma atmosfera de aridez e resistência presente no poema de Cabral.

Já a relação estabelecida, predominantemente, entre cinema e literatura, no nosso contexto cultural, apresenta certas especificidades que a distinguem da que existe entre televisão e arte literária. Para começar parece que, pelo menos entre o melhor cinema brasileiro e a literatura, houve desde muito uma identidade de projeto, ou seja, a vontade de criar uma linguagem brasileira, capaz de expressar os problemas que nos afligem e contribuir para a construção de uma imagem na qual pudéssemos nos reconhecer. Essa identidade de projeto, dentre outros fatores, é responsável pela aproximação que determinou a existência de um número realmente espantoso de filmes baseados em obras literárias: alguns buscando o enredo, outros mantendo uma relação mais viva com o texto em todas as suas dimensões, inclusive a formal. Assim, se em *Lição de Amor*, de Eduardo Escorel, o que se aproveita de *Amar verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, é, principalmente, a história que é

*literatura e cinema.*

contada, em *S. Bernardo*, Leon Hirszman, como nos conta José Carlos Avelar, usou o livro de Graciliano como roteiro, procurando recriar com a linguagem cinematográfica o movimento do texto: tal como o escritor, no livro, a câmera, no filme, retira da história informações sobre o personagem-narrador que vão além do que nos dizem os fatos narrados por ele mesmo. Em *Macunaíma*, Joaquim Pedro, fazendo uma leitura da obra de Mário de Andrade, perpassada pelas angústias vividas no país, no fins dos anos 60, ressalta o traço antropofágico da obra, dando-lhe maiores proporções e um tratamento compatível com o objetivo de denunciar a exploração do homem brasileiro, o processo de devoração a que o país e seus cidadãos são submetidos. Inúmeros outros filmes poderíamos lembrar como exemplos de obras cinematográficas bem realizadas, que partiram de experiências literárias anteriores: *Erêndira*, de Rui Guerra, *Toda nudez será castigada*, de Amaldo Jabor e, mais recentemente, *a Hora da estrela*, de Suzana Amaral.

*a literatura e a percepção instaurada pela "era do filme".*

Em contrapartida, a literatura também apresenta sinais da influência do cinema. Na construção das imagens verbais, na tentativa de conquistar a dimensão temporal do simultâneo, na assimilação de técnicas de montagem das cenas, percebemos que a arte literária não está alheia ao novo modo de percepção instaurado pela "era do filme". Da mesma forma, a face caótica do mundo da informação, espelhada pela primeira página dos jornais em que os assuntos mais diversos são postos em contigüidade, têm influenciado a literatura, contribuindo para a fragmentação de seu discurso, numa utilização crítica de recursos jornalísticos. Se a indústria cultural transforma tudo em espetáculo, a literatura aponta a pseudo-objetividade da notícia, deslocando o ponto de vista para deixar emergir as verdades não oficiais, ao mesmo tempo que põe em evidência a solidão do homem, cuja visão do mundo é medida pelo sensacionalismo das manchetes, ou pelo tom pasteurizado dos telejornais, ou ainda pelo mecanismo de identificação com os heróis da cultura de massa.

*a literatura como força irradiadora da "alta cultura".*

De qualquer maneira, o grande universo dos média, toda vez que se lança um olhar para a "alta cultura", para imitá-la ou adaptá-la, a literatura surge como força irradiadora. Surge como uma espécie de superego que aponta na direção oposta da cultura de massa e escapa sempre ao seu completo domínio. Como nos diz Juan José Saer, no artigo "A literatura e as novas linguagens", "aquela parte da literatura que os mass-média insti-

tucionalizam é sempre sua parte acidental e exterior, o preço da exterioridade que a poesia paga para internar-se no coração da experiência e conquistar nela um lugar no qual se orienta por meio da palavra". A outra parte, a que não é exterior, que é feita de sonho e das formas por ele engedradas para abrir fendas no presente e deixar entrever o amanhã, esta, continua magicamente livre.